



***DIA DE NATAL
(25/12/03)***

Primeira leitura (Antigo Testamento): Isaías 9:2-4(6-9) ou Isaías 62:6-7,10-12 ou Isaías 52:7-10

As três leituras opcionais do AT para o dia de Natal pertencem a três momentos diferentes da profecia compilada no livro de Isaías.

A esperança registrada em Is 9:2-9 acontece ainda durante a monarquia e é muito semelhante à de Miquéias (vide comentário do 4º domingo do Advento). O povo pobre alcançará uma alegria sem igual (v.2) porque não será mais oprimido (v.3) e não existe mais o sistema que promove a guerra e a violência, representado pela bota que bate no chão e a roupa manchada de sangue (v.4).

O instrumento divino da realização deste sonho é tudo, menos rei: Conselheiro; Deus Forte; Pai Eterno; Príncipe da Paz! (v.5) O seu governo trará tudo o que estava faltando na sociedade de Judá antes do exílio: paz, igualdade e justiça (v.6). Uma nova sociedade será construída não mais com tijolos mas com pedras, e no lugar de árvores de sicômoros (tipo de figo usado para alimentar animais) serão plantados cedros de madeira nobre (v. 9).

A esperança registrada em Is 52:7-10 acontece no exílio babilônico e também inclui uma festa de alegria e júbilo (v.8-9). Para os que foram vitimados pela guerra a esperança vêm através de um mensageiro da Paz. que em hebraico (*Shalom*), significa abundância, prosperidade, alegria, saúde...tudo o que os exilados esperavam conseguir (v.7). Este é o Reino de Deus (v. 7b; "*malake elohike*", "o reinado do teu Deus") onde a alegria não é vazia mas abundância para que não tinha mais nada, consolação para que estava triste e retorno para quem estava longe!

A diferença apresentada pelo texto de Is 62:6-7,10-12, do retorno do exílio, é que o sonho descrito em Is 52 já estava em parte realizado. Quando os sonhos começam a se realizar, acontece uma certa acomodação e não se podia deixar o sonho morrer: "*Não o deixeis que se entregue até que se estabeleça até que transforme Jerusalém em louvor*" (v.6-7). O desafio não é construir o sonho animando o povo, abrindo portas, abrindo e limpando o caminho (v.10-11). Desta construção surge um povo santo (em comunhão com Deus), resgatado (tirado das mãos dos que o aprisionavam) e vivendo numa cidade que jamais será abandonada (v.12).

Todas estas esperanças nascem no meio do povo (como nasceu Jesus), são semeadas no meio do povo (como proclamou Jesus) e tem ser construídas



com o povo (como fez Jesus) e propõem uma festa (como a que nos prepara Jesus). (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola): Tito 2.11-14

Todas as grandes civilizações possuíam um projeto educativo. Às vezes entregue às mãos de pessoas especializadas, às vezes entregues às mãos dos pais, mas todas as culturas produziram uma espécie de programa de educação das crianças. Ente os gregos, por exemplo, esta educação era a chamada *Paidéia*.

O texto da epístola de hoje nos revela uma das mais interessantes conseqüências do nascimento de Jesus Cristo: o estabelecimento de um grande projeto educacional. O nascimento de Cristo é, além de um projeto de salvação e de redenção, também um grande projeto educativo de Deus para aqueles que recebem a mensagem do Evangelho. Por isso perguntamos: quais as lições da encarnação do Cristo? O que a graça de Deus quer nos ensina hoje? Pensando nestas perguntas, propomos o seguinte tema para a reflexão hoje: A educação que a graça salvadora de Deus nos dá.

A educação que a graça nos dá nos faz, em primeiro lugar, abandonar a impiedade e a paixão. É curioso como estas duas realidades sempre andam juntas. Paixão mundana e impiedade sempre andaram de mãos dadas. Sempre que as pessoas capitulavam ou sucumbiam aos projetos e aos desejos das paixões (colocada como a realidade oposta à razão) as conseqüências para as relações interpessoais e sociais são as mesmas: a injustiça. Somente quando somos capazes de compreender que o verdadeiro senhorio não se expressa por meio de uma dominação mas é aquele que vem da parte de uma criança, e que seu Reino não é um Reino de exploração mas de partilha, e de justiça, é que os insondáveis valores educacionais da graça passam a ser vivenciados.

A educação que a graça nos dá nos faz, em segundo lugar, viver com justiça, sensatez e piedade. Romper com as paixões do mercado e do sistema e com suas conseqüências implica, por outro lado, em assumir uma postura positiva diante da vida. Isto significa que o projeto educacional da graça de Deus nos apresenta agora os valores da "contra cultura" que servem para superar os valores da alienação e da exploração. E quais são estes valores? Segundo o texto são três: a sensatez, a justiça e a piedade. A justiça e a piedade são parentes porque ambas dizem respeito a uma relação adequada que todos os humanos devemos cultivar, tanto na esfera horizontal, com os demais mortais (a justiça), quanto na esfera vertical, com o *Totalmente Outro* (a piedade). Para que estes relacionamentos, contudo, possam ser potencializados e vividos em sua plenitude, a graça que nos educa nos faz ver a importância da sensatez. Até em nossas relações de justiça e de piedade é



necessário a existência e o cultivo da sensatez. D'outra sorte poderemos viver um tipo de corrupção perigosa de um destes elementos.

A educação que a graça nos dá nos faz, em terceiro lugar, aguardar a manifestação da glória. (v. 13) Quando nos submetemos a um processo educativo que vem da graça de Deus nossas expectativas também mudam. Se já não vivemos em função de anti-valores como a injustiça e a paixão, se já não sucumbimos ante à pregação contemporânea da urgência a qualquer custo (apregoadada por esta cultura *fast food*), então podemos agora esperar com tranqüilidade por aquilo que o texto chama de "a bendita esperança de nosso Deus e salvador Jesus Cristo". Nossa esperança última não deve ser posta em nossos projetos humanos ou em sonhos e obsessões temporais. Assim como os israelitas esperavam o Messias que estaria para vir com ansiedade, devemos, todos nós nos revestir desta mesma esperança: o Messias virá novamente. E seu Reino não mais terá fim. (Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Lucas 2.1-14 (15-20)

É notória a importância que Lucas dá às informações, o que evidencia a preocupação de Lucas para que os "Teófilos", possam ter certeza, quanto ao acontecimento de Jesus. (ver proposta de Lucas em 1,1-4).

As informações:

Vv 1-2 César Augusto, foi imperador romano de 30 a C a 14 d. C. O recenseamento foi decretado pelo menos em grande número das províncias do império. Com grande probabilidade naquelas mais próximas do mundo de Lucas. Foi realizado no tempo em que Quirino (Públio Sulpício) era governador (4-1 a C).

Ao escrever para cristãos vindos do paganismo, habitantes de cidades como Éfeso ou Antioquia, desconhecedores das intrigas políticas da Judéia, Lucas situa os fatos dando as coordenadas do tempo.

No AT, a cidade de Jerusalém era conhecida como cidade de Davi, (2 Sm 5,7.9;18 22,9). Lucas atribui o título a Belém citando Mq 5,1.

Filho primogênito (v7).

A lei da primogenitura representava um resgate que devia ser pago no mês seguinte ao nascimento (cf. Ex34,20). Lucas não fala sobre o resgate.

Os pastores:

Os pastores aos tempos do nascimento de Jesus não eram bem vistos. Viviam à margem das práticas religiosas eram considerados impuros, por trabalharem com animais impuros. Segundo a narrativa de Lucas tornam-se



destinatários da Glória de Deus, que torna visível a manifestação de Deus, sendo Jesus o sinal maior. Ver por exemplo a transfiguração (Lc 9,32 e 24,26).

O texto em si

O núcleo central do texto repousa sobre o v. 11: "hoje, na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor."

- a marca do tempo presente (hoje) como tempo do cumprimento de uma promessa.

- a cidade de origem de Davi, pois como reinado a cidade de Davi era Jerusalém.

- No AT o título de salvador é atribuído a juizes e reis. A salvação que ora se manifesta excede as esferas humanas para se tornar cósmica. Os poderes celestes (anjos) lhe rendem glória (Sl 148).

- Messias e Senhor é a resposta a toda expectativa que instala a nova ordem: a paz entre os homens amados por Deus.

Dica

O Natal, com significado de restauração da comunicação de Deus com a humanidade, traz uma nova forma de construir a paz, a partir dos "desqualificados". Que tipo de relações o Natal restaura em nós como pessoas, como comunidade, como cidadãos? (Lauri Wolmann)

2º Comentário - Lucas 2.1-14 (15-20):

O evangelista preocupa-se em situar historicamente o nascimento de Jesus, fornecendo informações bastante detalhadas. Eis aí um primeiro tema digno de ser destacado – a história impactada pelo mistério oculto na criança. O pregador pode seguir o mesmo procedimento de Lucas neste natal – lembrar alguns episódios da nossa história e de nossos dias, das nossas circunstâncias sociais, políticas e econômicas e, a partir daí, enfatizar a contemporaneidade da mensagem do Natal: é sobre o nosso mundo, sobre nossa história, que Deus continua a debruçar-se, indicando que a ação salvífica de Deus vem de onde menos se espera, dos pobres. Não se trata de mero sentimentalismo acentuar a pobreza como lugar da salvação. É perfeitamente coerente com o evangelho.

Outro ponto a destacar é a presteza e prontidão dos pastores em atender ao convite do anjo, o que nos leva a meditar sobre a fé responsiva. Não se trata aqui da fé doutrinária, mas da fé que se transforma em envolvimento existencial, a fé em algo absurdo – acreditar numa voz que nos chama a



adorar um menino pobre numa estrebaria e reconhecê-lo como Kyrios ("Senhor"). Isso deve nos fazer considerar o quanto Deus é diferente do que freqüentemente imaginamos e que Ele está muito próximo de nós, na humildade e na pobreza da estrebaria, e não na pomposidade e riqueza das mansões. A fé responsiva dos pastores que tiveram que se deslocar, sair de sua posição e dirigir-se rumo a algo incerto, nos convida também a meditar a respeito do nosso posicionamento diante do menino Jesus na época do Natal. Às vezes, tão absorvidos pela atmosfera mercantilista que tomou conta do Natal em nossa sociedade, até julgamos absurdo passar um Natal sem festa, jantar, presentes, etc. e tampouco nos dispomos a voltar os nossos corações aos desamparados. Preferimos pastorear a nós mesmos e nos recusamos a ouvir a voz que nos leva à estrebaria para que brilhe em nós a luz divina.

O fato de Lucas enfatizar que o anjo apareceu aos pastores "durante as vigílias da noite" oferece uma boa oportunidade para se destacar a comparação bíblica entre luz e trevas. Mais uma vez, a mensagem natalina pode revigorar a esperança dos que vivem "nas trevas". Os pastores, as primeiras testemunhas escolhidas por Deus para contemplarem seu filho eram pessoas que, aos olhos dos habitantes das cidades, viviam uma existência dúbia à margem da sociedade e da religião estabelecida, pernoitando com os animais no campo e quase identificados socialmente com eles. Eram vistos com preconceito pelos moradores da cidade e considerados ignorantes. Mas a mensagem do Natal não pode ocultar as preferências divinas. Deus não mandou aviso aos grandes e poderosos; não informou os reis nem cientificou os sacerdotes. Passou por cima das hierarquias. Subverteu a tudo e quebrou os protocolos. Os que receberam primeiro a notícia do nascimento de Jesus foram pastores nômades que pernoitavam ao ar livre. Jesus, nascido também como nômade, peregrino, migrante, sem teto, quis manifestar-se primeiro a esses excluídos e segregados da vida urbana. Para eles, a mensagem do anjo significou realmente o anúncio de uma "grande alegria": Cristo é a luz divina que brilha para toda a humanidade.

A junção de céus (anjos) e terra (pastores) adorando o menino Jesus é um bom tema a ser explorado na liturgia de Natal. A comunidade deve compreender que no momento da oração eucarística, mais uma vez nós que recebemos a luz divina, estamos "juntamente com os anjos e arcanjos e com toda a multidão celestial", louvando e celebrando o maior mistério da fé.
(Carlos Eduardo B. Calvani)